



ISSN 2359-6597

RACIONALIDADE AFETIVA E ALTERIDADE RADICAL: A ÉTICA EM EDMUND HUSSERL E EMMANUEL LEVINAS

Jefferson Polidoro Dias*

Resumo: O seguinte trabalho de cunho preliminar tem por finalidade analisar as bases fundamentais da ética no pensamento de Edmund Husserl e Emmanuel Levinas, enfocando a questão da gênese das suas respectivas filosofias. Husserl explora a questão da subjetividade, sendo esta ao mesmo tempo racional e afetiva, utilizando ambos os critérios para a formação do *cogito*. Todavia seu pensamento permite que seja a racionalidade e não a afetividade que conduz as ações do homem, ou seja, a vida ética, fazendo deste um exemplo de pensador racionalista. Levinas radicaliza ou mesmo rompe o pensamento de seu mestre, não mais entendendo a questão ética ligada à racionalidade tradicional e a ontologia. Busca então explorar a questão do sentido ético, buscando na questão da substituição elaborar uma nova forma de entendimento sobre a ética, a colocando no patamar de filosofia primeira, para somente então expor o seu pensamento da subjetividade responsiva, ou seja, uma “ética”.

Palavras-Chave: Husserl. Levinas. Ética. Racionalidade. Alteridade.

Introdução

O seguinte trabalho de cunho preliminar tem por finalidade analisar as bases fundamentais da ética nos pensamentos de Edmund Husserl e Emmanuel Levinas, enfocando a questão da gênese dos suas respectivas filosofias. Husserl explora a questão da subjetividade, sendo esta ao mesmo tempo racional e afetiva, utilizando ambos os critérios para a formação da *cogito*. Todavia seu pensamento permite que seja a racionalidade e não a afetividade que conduz as ações do homem, ou seja, a vida ética, fazendo deste um exemplo de pensador racionalista. Levinas radicaliza ou mesmo rompe o pensamento de seu mestre, não mais entendendo a questão ética ligada à racionalidade tradicional e a ontologia. Busca então explorar a questão do sentido ético, buscando na questão da substituição elaborar uma

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria - RS. E-mail: jeffpdias87@gmail.com.

nova forma de entendimento sobre a ética, a colocando no patamar de filosofia primeira, para somente então expor a seu pensamento da subjetividade responsiva, ou seja, uma ‘ética’.

1 A ética racionalista de Edmund Husserl

1.1 Husserl e o projeto fenomenológico

Edmund Husserl (1859-1938) nasceu na Alemanha, dedicando-se a filosofia, sendo o principal nome da estruturação da escola fenomenológica, tendo em foco a crítica ao naturalismo positivista na filosofia e nas ciências, bem como ao historicismo e ao psicologismo. O método explorado por Husserl, mesmo não se limitando ao empirismo, esta em grande parte baseado neste, pois acreditava que a experiência seria a ponto do conhecimento, desenvolvendo assim o que chamou de redução fenomenológica, acreditando que o assunto pretendido poderia ser conhecido diretamente a partir de sua essência. Lecionou filosofia em várias instituições alemãs, todavia com o advento do nacional-socialismo, devido a sua origem familiar judaica, foi afastado de suas funções.

Husserl denomina que a fenomenologia não como uma corrente filosófica ou mais uma forma de entendimento da área, mas como um método de investigação, que por meio de bases sólidas, ou seja, de forma rigorosa, tem por objetivo estudar a questão dos fenômenos. Por fenômenos, Husserl denomina toda forma de aparição das coisas à consciência, e por meio delas captar as suas essências, o seu si mesmo, ou nas palavras de Husserl “ir ao encontro das coisas em si mesmas” (HUSSERL, 2008, p. 17).

Podemos perceber que assim o pensamento de Husserl concebe um método de pesquisa, de suma importância, não somente para a filosofia, mas igualmente para toda a ciência que buscam um verdadeiro rigor científico. Por ser uma filosofia bastante complexa e com aspectos muito vastos, esta acabou gerando uma grande quantidade de interpretações diversas, todavia sempre tendo o pensamento de Husserl, como fonte primária, seja certos pressupostos ou mesmo para crítica. Neste trabalho fica explícito que somente iremos nos deter em certos pontos mais cabais na pesquisa da temática, e mesmo assim de forma preliminar, pois tal estudo demandaria um espaço que aqui não possuímos.

Husserl buscava para o método fenomenológico, uma precisão que estrai das ciências exatas (como a matemática e a lógica), por considerar um modelo de ciência mais rigorosa. Assim desse modo não considera ao mesmo tempo o campo da psicologia experimental (em

voga em seu tempo) por considera-lo por demais instáveis para o estabelecimento de uma ‘ciência dos fenômenos’.

Outra grande crítica efetuada por Husserl diz respeito à questão a ao método positivista, por considera do pensador que este estaria somente focado na questão do ‘campo de análise experimental’, ao passo que a fenomenologia avança de uma não explicação dos fenômenos das coisas, para uma compreensão de regiões ainda não exploradas da consciência. Assim desenvolve uma noção que fará da fenomenologia um método muito especial, a questão da noção de intencionalidade da consciência.

1. 2 A ética de Husserl

Nos trabalhos de Husserl, ainda mais se contabilizarmos a pesquisa histórica filosófica, sobretudo na brasileira, o tema da ética não é lembrado, sobretudo porque durante sua vida os textos sobre o assunto não foram publicados. Os textos de maior visibilidade da questão da intersubjetividade estão agora sendo publicados, mas o que por uma infelicidade ainda não possuímos esses textos traduzidos, impossibilitando um maior desenvolver da questão ética em Husserl.

[...] só pode ser um ego que possui experiência do mundo se estiver em relação com outros egos, seus semelhantes, se for membro de uma sociedade de mónadas que lhe é dada de uma maneira orientada. A justificação consequente do mundo da experiência objetiva implica uma justificação consequente da existência de outras mónadas (HUSSERL, 2001. p. 176).

Para podemos compreender melhor o pensamento de Husserl, é necessário entendermos, que o conceito de intencionalidade, é de fundamental importância para o entendimento da esfera afetiva, fornecendo as bases fundamentais para ética, todavia sem esquecer o papel fundamental da racionalidade como guia condutor das ações humanas. Husserl defende a ideia que a consciência é intencional, sendo por sua vez a intencionalidade o que faria a distinção entre as propriedades dos fenômenos mentais, dirigidas a objetos, não importando se reais ou imaginários. Assim todo nosso pensamento, crença, desejo, etc, se constitui como sendo acerca de algo, de alguma coisa, proporcionando assim uma análise deste conceito como estudo da verificação dos estados mentais, ou de sua expressão e as características que permitem essa estruturação subjetiva.

Existiria em Husserl, uma profunda ligação entre a os conceitos de racionalidade e a humanidade, chegando a tal ponto que uma pode ser considerada como protótipo, ou melhor,

“ideia” do outro. Desse modo, é necessário frisar que, mesmo sendo que projeto de Edmund Husserl pretendia emergir um entendimento ético racionalista, tendo por guia das ações o cogito, mas sem ao mesmo tempo estar preso a alguma redução naturalista ou mesmo alguma pretensão de imposição do pensamento, de tipo normativo ou mesmo imperialista. Como nos argumenta o próprio Husserl:

Eventualmente nos unimos e podemos unirmos em uma intenção ética comum na unidade da orientação ética da vontade; não vivemos, então, cada um a sua vida solipista, mas uma vida ética em comum, uma vida duplamente pessoal, e sem problema, unitária (HUSSERL, 2009, p. 805).

Poderíamos, portando pensar em uma ética husserliana, resgatando o do autor em relação à intersubjetividade, a afetividade e na intelectualidade, pois somente assim o poder-se-ia compreender o homem em seus mais dinâmicos processos e relações, demonstrando a riqueza da subjetividade humana. Mesmo que ele não tenha desenvolvido por completo o caminho de uma ética mais explícita, suas conclusões abriram as portas, para que outros pensadores, a partir do relacionamento intersubjetivo, pudessem estabelecer bases de a exploração da temática ética, não mais estando presa em certos padrões da tradição, e sim procurando profundamente encontrar as bases fundamentais para uma sociedade mais aberta e plural, como no caso de Emmanuel Levinas.

2 A ética de alteridade de Emmanuel Levinas

2.1 Estruturação subjetiva pela sensibilidade

Emmanuel Levinas (1906-1995) foi um pensador de família judaica (assim como Husserl), sendo de origem franco-lituana. Teve como influência para constituição de sua filosofia a fenomenologia de Edmund Husserl e Martin Heidegger, bem como escritores de origem judaica como Franz Rosenzweig. Seu pensamento foi marcado pela Segunda Guerra Mundial, principalmente pelo Holocausto, mas igualmente no período pós-guerra, entre a tensão entre o bloco capitalista e socialista (guerra fria) e o colapso do neo-colonismo na Ásia e África. Levinas procura por essas razões, construir uma busca pelo estabelecimento das condições para o viver humano, uma busca pelo sentido ético, que será a fundamental maior de seu pensamento. Como é sobre a herança e das distancias ao pensamento Husserliano que iremos tratar neste artigo, portanto é importante lembrar que para Levinas:

Foi com Husserl que descobri o sentido concreto da própria possibilidade de “trabalhar” em filosofia” sem no seu conjunto, ficar fechado num sistema de dogmas, mas ao mesmo tempo sem correr o risco de avançar por intuições caóticas (LEVINAS, 1982, p. 22).

A filosofia de Emmanuel Levinas seria uma devedora do pensamento direto de Husserl, como em inúmeras passagens como as que citamos acima. Todavia esta pesquisa trabalha com a hipótese na qual Emmanuel Levinas, torna-se filósofo ao encontrar Husserl, porém em sua jornada filosófica acaba por se distanciando de seu mestre, radicalizando seu pensamento ao extremo ou mesmo rompendo com o método fenomenológico, como o próprio Levinas nos diz “começo com ou em Husserl, mas o que digo já não está em Husserl” (LEVINAS, 1995, p. 31).

A filosofia (genericamente falando, não tendo por pretensão uma análise mais profunda de toda história da filosofia desde os antigos gregos até atualidade) acabou por transformar o sujeito em um ser amplamente poderoso, se centrando de forma demasiada na entidade que recebe o nome de “eu”, ao qual é identificado com o ego transcendental da tradição filosófica. Levinas propõe que todo tipo de ontologia, seja ela tradicional, ou mesmo, a fundamental, teria um cunho totalizante nela mesma, seja a nível acadêmico ou mesmo nas relações de poder.

Percebe Levinas que é impossível não habitarmos dentro de uma totalidade, de uma sociedade, sendo que a universalização e a conceitualização com as quais o terceiro (a Sociedade, o Estado) exige, acabam por provocar um verdadeiro “retorno do-eu com os outros”. Na experiência, neste traumatismo provocado pelo encontro com o Outro, não possuo o poder de tematização, não pelo menos de forma totalizadora, pois sempre a algo que me escapa de forma.

Levinas denomina de sensibilidade o aspecto corporal, ou melhor, de corporeidade, pois é necessário compreender que não se trata aqui de ser compreendermos tal termo de maneira empírica, mas como ‘exposição’ que é consequência da empiria corporal. Assim poderíamos dizer que nem a corporeidade (sensibilidade), e nem a linguagem se estruturam dentro de conceptualizações empíricas, revelando dessa maneira certa semelhança em sua constituição.

A individualidade se caracteriza pela determinação da corporeidade, que, como estrutura retroativa, se diferencia fundamentalmente de sujeito da modernidade...A corporeidade, que ultrapassa a conceitualização da ontologia e da teoria do conhecimento, adquire, na ética, o seu sentido primário (REICHOLD, 2006, p.235).

2.2 A busca pelo sentido ético

O pensamento de Levinas busca pelo sentido ético, que acaba por nos demonstrar a esfera da ‘subjatividade responsiva’, e não se constituindo em uma ética a estilo tradicional, de caráter normativo, deontológico, eudaimônica ou mesmo utilitária. Assim como nos diz Levinas “a minha tarefa não consiste em construir a ética; procuro apenas encontrar-lhe o sentido” (LEVINAS, 1982, p. 82).

Nessa procura pelo sentido ético, Levinas, acaba por encontrar na figura do Rosto (*Visage*) a expressão ética. Por meio do Rosto, se mostra toda essa alteridade radical sem limites, do Outro que não pode ser totalmente mensurado pelo meu raciocínio, estando além de qualquer tentativa de totalização. O Rosto é obsessão (não entendida aqui como patologia, alguma doença mental, por exemplo, e sim como afirmação do caráter mais intenso e profundo), uma estranheza, um trauma que acaba por abalar as estruturas da constituição subjetiva. Como nos fala Levinas:

O rosto em que outrem se volta para mim não se incorpora na representação do rosto. Ouvir a sua miséria que clama por justiça não consiste em representar-se uma imagem, mas em colocar-se como responsável, ao mesmo tempo como mais e como menos do que o ser que se apresenta no rosto (LEVINAS, 1980, p. 193).

Esse trauma provoca inevitavelmente a inadequação, pois escapa de qualquer tentativa de conceitualização mais objetivante, exigindo uma resposta, que é a responsabilidade ilimitada. Todavia é importante frisar que esta responsabilidade não é assim como uma escolha efetuada, e sim ela faz parte da própria estrutura da subjatividade, sendo que é pela intersubjatividade constituída a partir da separação entre mais o mesmo e outro, que permite a Levinas que propor a tese da alteridade radical.

Este argumento permite pensar que mesmo que o sujeito seja em sua estrutura original como uma mônada, este pode superar a sua solidão de diversas maneiras como (por exemplo, pela fruição da vida ou pelo conhecimento), todavia somente poderá superar de maneira mais adequada, de modo mais humano, pela abertura da alteridade radical. Essa abertura somente é efetuada pela radicalidade da alteridade, por meio dessa relação intersubjetiva, sem começo e nem fim, pelo que Levinas denomina de *Infinito*. Somente assim podemos chegar ao que Levinas chama de Ética:

Chama-se ética a esta impugnação da minha espontaneidade pela presença de Outrem. A estranheza de Outrem – sua total irreducibilidade a Mim, aos meus

pensamentos e às minhas posses – realiza-se precisamente como um por em questão da minha espontaneidade, como ética (LEVINAS, 1980, p 30).

Assim o sujeito é ilimitadamente responsável com o Outro, nunca podendo pronunciar a sentença: agora cumpri todos os meus deveres, e não devo nada a ninguém. Nenhuma normatividade, ou prescrição é capaz de dar conta de modo mais pleno na ética, por ser a ética na ideia de Levinas a base fundamental da vida, podendo o indivíduo até mesmo restringi-la como pelo negação da vida, pelo assassinato, ou pela opressão ao outro homem, mas nunca se considerar plenamente ético, como se responsabilidade fosse uma receita pronta e delimitada, pois ela não espera nem mesmo recíproca. Como nos fala Levinas:

[...] sou responsável por outrem sem esperar recíproca, ainda que isso me viesse a custar a vida. A recíproca é assunto *dele*. Precisamente na medida em que entre outrem e eu a relação não é recíproca é que sou sujeição a outrem; e sou “sujeito” essencialmente neste sentido (LEVINAS, 1982, p. 90).

É possível perceber a ética em Emmanuel Levinas, é formada não em conjurações teóricas de alta abstração, e sim de questões extremamente humanas de forma mais intensa. A ética ganha status de filosofia primeira, pois é através dela que todo o desenrolar da objetivação se dá no mundo, sendo a experiência mais básica humana. É lógico que toda a filosofia fenomenológica de Husserl foi de suma importância para desenvolvê-la da ética como filosofia primeira de Levinas, sendo que o próprio a reconhece e a explica a seu modo:

Existe aqui uma possibilidade husserliana que se pode desenvolver para além do que o próprio Husserl disse sobre o problema ético e sobre a relação com outrem que nele permanece representativa...A relação com outrem pode investigar-se como intencionalidade irreduzível, ainda que se tenha de acabar por ver nisso a ruptura da intencionalidade (LEVINAS, 1982, p. 25).

Considerações finais

Estabelecendo uma comparação entre esses grandes pensadores, poderíamos afirmar que ao mesmo tempo em que Husserl funda todo vivido na representação, Levinas se aprofunda na questão da alteridade radical. Levinas, como em um contraponto ao caráter intelectualista do pensamento de Husserl, estabelece a “*encarnação*” como descrição da intencionalidade, afastando-se da concepção de um “*cogito puro*”, como no entendimento de Husserl.

O pensamento de Levinas estabelece uma relação entre seus conceitos de ética e de corpo somático não solipscista, com entendimento do corpo humano e do outro em Husserl, nos quais entando concedem primazia ao sentido ético de suas concepções. Contudo, apesar das críticas efetuadas ao método fenomenológico, Levinas propõe o caminho do ‘superar conservando’, pois apesar de aprofundar drasticamente as consequências do método husserliano, ainda necessita dele para compreender e mesmo ultrapassar os limites por este pretendido.

Referências

FABRI, M. **A alteridade radical de Levinas e a ética racionalista de Husserl**. Disponível em:<

http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4416&secao=391>. Acesso em: 25 maio 2014.

HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

_____. **Meditações Cartesianas**: introdução à fenomenologia. Tradução de F. Oliveira. São Paulo: Madras. (Original publicado em 1931). 2001.

_____. **Valor de la vida. Valor del mundo**. Moralidad (Virtud) y felicidad. Acta fenomenológica latino-americana. Volume III. Morelia. México. Tradução de 2009.

LEVINAS, E. **Alterité et transcendance**. Paris, 1995.

_____. **Ética e infinito**. Trad. Filipe Nemo. Lisboa: Ed. 70, 1988.

_____. **Totalidade e infinito**. Tradução de José P. Ribeiro. Lisboa: Ed. 70, 1988

PELIZZOLI, M. L. **A Relação ao Outro em Husserl e Levinas**. Coleção Filosofia 20. Porto Alegre: Edipurs, 1994.

REICHOLD, A. **A corporeidade esquecida**: Sobre o papel do corpo em teorias ontológicas. Tradução de Benno Dischinger. São Leopoldo: Nova Harmonia. 2006.